



# Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador  
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852  
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS  
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com  
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano X

N.º 29

Janeiro / Março de 2020



## D. ANTÓNIO BARROSO, MISSIONÁRIO E BISPO DO PORTO

Por *Guilherme d'Oliveira Martins*

A história do Real Colégio das Missões Ultramarinas leva-nos a compreender um longo percurso da missão católica e do Padroado Português, iniciado no século XV, a partir da primeira diocese global no Funchal, que durou até ao século XX, em virtude da evolução histórica, do fim da jurisdição eclesiástica de Macau e sobretudo do Concílio Vaticano II. Com o Seminário de Cernache,

devem lembrar-se os Seminários de Rachol (Goa) e de S. José (Macau). A instituição de Cernache do Bonjardim foi criada em 1791 na regência do Príncipe D. João, que viria a ser D. João VI, tendo tido como colégio uma vida difícil em razão da implantação do regime liberal e da República. Pode dizer-se que a figura de D. António Barroso marca decisivamente a abertura de horizontes no-

vos no campo da missão. Natural de Remelhe (Barcelos), onde nasceu em 1854, foi bispo prelado de Moçambique, bispo de S. Tomé de Meliapor (na costa Este da Índia, atual cidade de Chennai) – onde está viva a memória das primeiras comunidades cristãs da Índia, muito antes da chegada dos portugueses, sob a invocação do apóstolo S. Tomé.

*(Continua na pág. 2)*



**A PÁSCOA É UM  
ANÚNCIO DE  
ESPERANÇA!**

**A ESCURIDÃO E A  
MORTE NÃO TÊM A  
ÚLTIMA PALAVRA...  
Indiferença, egoísmo,  
divisão e esquecimento –  
palavras a rejeitar em  
tempo de pandemia.**

*(Papa Francisco)*



(Continuação da pág.1)

António Barroso vai estudar para o Seminário de Braga e dali é transferido em 1873 para o Real Colégio das Missões Ultramarinas. Foi missionário em Angola e Moçambique – sendo célebre o seu relatório sobre o Padroado de Portugal em África. É relevante a presença em Angola e no Congo, entre 1880 e 1888, e depois, como se disse, enquanto Prelado de Moçambique (1892-1895) e como ativo evangelizador em S. Tomé de Meliapor. Ainda se lhe deve a renovação do Colégio da Missões, sendo precursor da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, atualmente designada como Sociedade Missionária da Boa Nova, hoje dirigida pelo Padre Adelino Ascenso.

O saudoso Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes não hesitou em designar António Barroso como “modelo de missionários”. Foi assim “continuidor dos que acenderam no Oriente a luz do Evangelho e lançaram as sementes de uma civilização universalista”. E não esqueçamos o que disse o Padre Américo: “Duro, tenaz, rebelde. Uma só cara. Não torceu nem quebrou. Só ele. Porém, a sua grande loucura está no amor dos pobres”. É significativo o que disse Raul Brandão: “o Bispo é uma grande figura de bondade. Dá tudo o que tem”. Desde 1899, é assim Bispo do Porto e logo se afirma pelas suas excepcionais qualidades humanas. Com a proclamação da República, os momentos iniciais são muito difíceis. Quando em 1911 é dada a conhecer a Pastoral do Episcopado Português em que se afirma o desacordo com alguma legislação da República anima-se a luta anticlerical. Os governadores

civis proíbem a leitura desse documento. O próprio Bispo do Porto é detido e levado sob custódia a Lisboa, conhecendo o exílio em Remelhe, de onde regressa em 1914. A história tem algo que se lhe diga, uma vez que não se vê em D. António Barroso qualquer promoção da guerra, mas uma atitude crítica sem deixar a perspectiva positiva. A evolução da República vai determinar a afirmação clara do exemplo de D. António Barroso, para além da circunstância política. Depressa houve quem compreendesse, como Raul Brandão, que o prelado tinha por si a autoridade moral do espírito evangélico.

Pode dizer-se que o Bispo do Porto D. António Barroso antecipou o novo tempo. A assistência religiosa durante a Guerra de 1914-18, a abertura do Presidente António José de Almeida à pacificação, a beatificação de Nuno Álvares Pereira, a orientação de Bento XV no sentido do «ralliement» (ou seja, o fim da oposição dos católicos à forma republicana do governo), a autonomia da Igreja relativamente ao Estado – tudo contribuiu para a atenuação da questão religiosa. Com a lei da separação de 1911, previu-se a reforma do Colégio das Missões Ultramarinas. Em 1913 foram criadas as missões laicas em África e Timor. De 1920 a 1926 foram enviadas dez missões laicas para Angola e quatro para Moçambique, sem os resultados pretendidos. D. António Barroso, falecido em 1918, constitui um exemplo de defesa do espírito das missões na perspectiva que viria a ser consagrada pelo Papa Bento XV na Carta Apostólica «Maximum illud», cujo centenário passa este ano

como recorda o Papa Francisco. «A vida divina não é um produto para vender – não fazemos proselitismo – mas uma riqueza para dar. E o exemplo de D. António Barroso permite compreender o sentido e a atualidade, ontem como hoje, da Carta de Bento XV: «Sê homem de Deus que anuncia Deus. Eu sou sempre uma missão, tu és sempre uma missão. Quem ama põe-se em movimento». E assim, o destino universal da salvação oferecido por Deus em Jesus Cristo levou o Papa Bento XV a exigir a superação de todo o fechamento nacionalista e etnocêntrico, de toda a mistura do anúncio do Evangelho com os interesses económicos e militares das potências coloniais. Assim o Papa lembrava que a universalidade divina da missão da Igreja exigia o abandono duma pertença exclusivista à própria pátria, à própria etnia... No caso de D. António Barroso, D. Carlos Azevedo afirma mesmo que “era uma personalidade que sabia distinguir o amor à pátria do nacionalismo. (...) Ele não era nacionalista, porque um cristão não pode ser nacionalista, mas tinha amor à pátria e ele demonstrou que podemos ter um grande amor à pátria, mas querer que a pátria esteja ao serviço da humanidade toda e não apenas de nós próprios como está muito na onda, por exemplo, dos nossos dias.” Assim, dá-nos o exemplo, no sentido de que ninguém fique fechado sobre si mesmo. Trata-se de conhecer a História e de fazer dela experiência de aperfeiçoamento – compreendendo que o diálogo é conhecimento mútuo, é razão e fé, é abertura de espírito à dignidade humana e ao amor.

## D. ANTÓNIO BARROSO E O PADRE AMÉRICO



Por *Padre Manuel Mendes*

### **Obra do Padre Américo**

Quando se procuram informações e documentos para ver ou tecer alguns fios seguros sobre pessoas e acontecimentos históricos, por vezes encontram-se algumas pontas que permitem olhar com muita estima para um belo pano de linho, de flores azuis! Acenamos adiante algumas ligações a Américo Monteiro de Aguiar, que demonstram tal asserção. Sobre a vida heróica do Venerável D. António Barroso [5-XI-1854; 31-VIII-1918], também vamos tirando grande proveito do conhecimento do seu itinerário biográfico; e, no nosso tempo marcante de Seminário do Porto, a este santo Bispo dedicámos breves notas na revista *Atrium* [1995], quando o seu Processo entrava em Roma. É inquestionável que se trata de uma figura eclesial de relevo e emblemática na Igreja Católica em Portugal, como Missionário em África e Bispo do Porto [1899-1918].

Não sendo nosso propósito, nestas linhas, fazer sequer um esboço biográfico, é justíssimo assinalar a inauguração e bênção pelo Bispo do Porto, D. Manuel, de uma estátua deste grande Bispo, tendo uma cruz e uma enxada

**Tenaz. Rebelde. Uma só cara.  
Não torceu nem quebrou. Só ele!**

(Testemunho do Padre Américo)

nas mãos, e de um elenco gravado de 320 missionários – como António José de Sousa Barroso, formados no Colégio das Missões Ultramarinas e que foram para as Missões do Padroado Português – no jardim de entrada do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã, no dia 20 de Outubro, Domingo, na qual participámos com um rapazito, Marcelino. Depois da *Consagração ao Sagrado Coração de Jesus*, em Fátima, pelos Bispos portugueses, no Dia Mundial das Missões, seguiu-se uma significativa homenagem à *missioneira portuguesa*, com a presença da maioria do Episcopado português, missionários da Boa Nova, Postulador desta Causa [e também de Padre Américo] – Padre João Pedro Bizarro, várias autoridades e muitos amigos e devotos. Com alguns raios de sol, os vários momentos dessa tarde foram apresentados pelo Vice-Postulador da Causa de Beatificação, Amadeu Araújo, e foi escutada uma saudação de acolhimento pelo Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, Padre Adelino Ascenso. Eis que numa intervenção sobre a *missioneira portuguesa* entre 1856 e 1912, nomeadamente o papel importante de D. António Barroso, foi referido por Guilherme de Oliveira Martins um excerto de uma página de antologia do Padre Américo sobre D. António Barroso, a que se seguiu forte ovação!

Noutra altura, foi uma agradável surpresa quando demos a conhecer esta informação a José Ferreira Gomes [† 21-XI-2013], grande dinamizador do movimento pró-Beatificação de D. António Barroso, e que a citou na sua *Súmula Biográfica*. Nesta oca-

sião, justifica-se transcrever este testemunho significativo, intitulado *Um acontecimento* [vd. *O Gaiato*, 20-XI-1954]. Então, eis: *Acaba de se realizar na cidade de Barcelos uma festa de homenagem ao Bispo D. António Barroso, por ser ali o seu berço [Remelhe] e fazer um século que ele nasceu. Gosta-se de ouvir notícias deste género. Elas são uma afirmação dos valores espirituais. Ainda que não fossem outras, só por esta razão vale a pena trabalhar com amor pelo Bem dos homens: labor vester non est inanis [in Domino] [o vosso trabalho não é inútil no Senhor] (1 Cor 15, 58). Daí estas reuniões solenes, aonde se desenterram homens e se prega ao mundo a Imortalidade. Gosta-se destas notícias. O senhor D. António, Missionário do Congo, foi o homem do seu tempo. Encheu a história. Coisas pequeninas tornaram-no um gigante; de uma vez, também em Barcelos, a Câmara de então quis prestar-lhe as honras de haver sido transferido da Índia e feito Bispo do Porto, tendo-o detido numa sessão magna, antes de ir a Remelhe, ver a Mãe [Eufrásia Rosa]. Começam os oradores. Nisto o festejado olha. Pareceu-lhe ver ao fundo alguém conhecido... Torna a olhar. Não há dúvida. Era ela! Levanta-se. Abre caminho. Há o encontro. Toma-a consigo. Regressa ao estrado. Fâ-la sentar na sua própria cadeira. Acabou a sessão. Estava tudo dito!*

*Não sei que algum bispo da história de Moçambique tenha ido ao Zumbo antes dele. Era uma jornada de quinze dias por carreiros de preto. Ele foi. Ao passar por Tete, já de noite, bate à porta do Anacleto Martins, velho colono, que passou dos oitenta; a família estava à mesa quando o moleque anuncia dois padiri. Anacleto manda recado: entrem que ainda há duas argolas. O Prelado tomou*

uma das argolas e jantou familiarmente.

Fumava charuto. Uma vez que vim a Portugal, fui a Remelhe levar ao Desterado a prenda amiga de um missionário: um cachimbo queimado. Fumava. Parecia do mundo e não; era um homem de Deus!

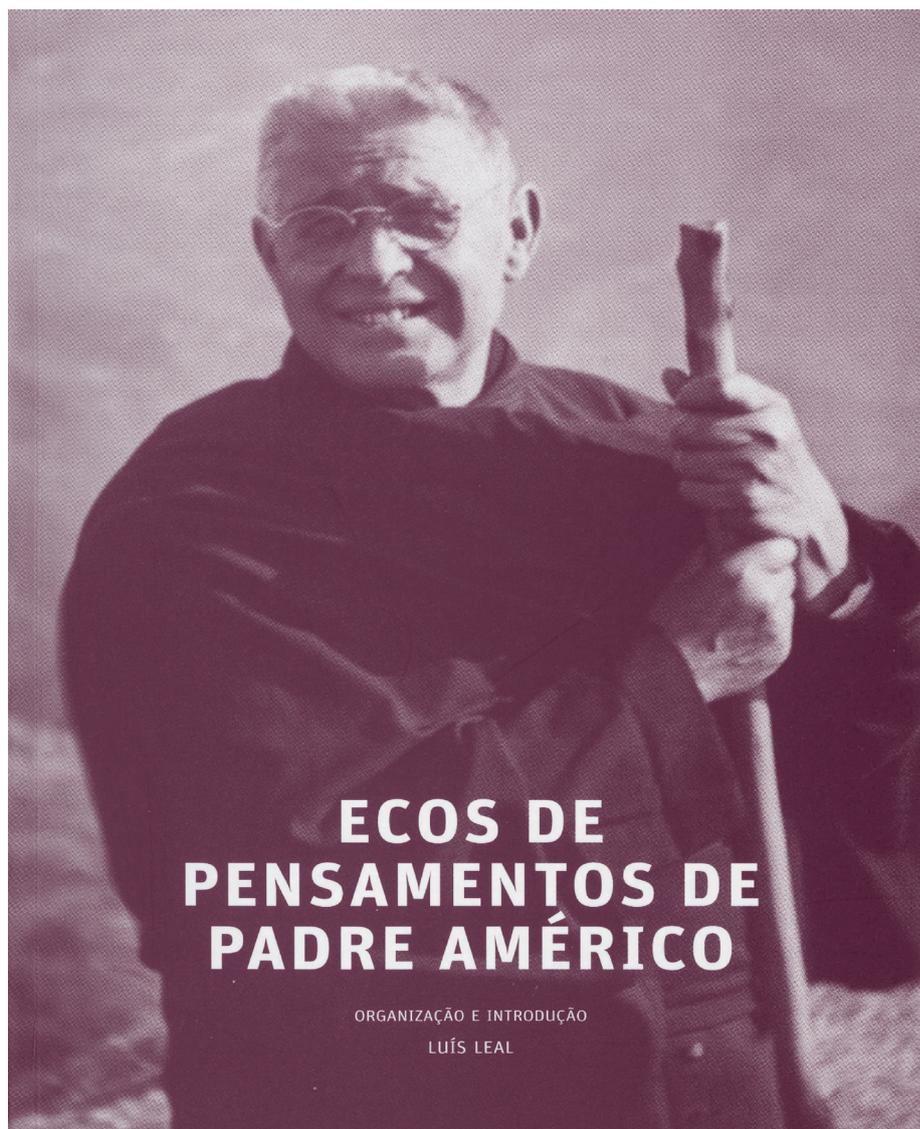
Só ele mereceu ocupar e preocupar os homens do Terreiro do Paço, naquele tempo. Duro. Tenaz. Rebelde. Uma só cara. Não torceu nem quebrou. Só ele!

Porém, a grande loucura está no amor aos pobres. Desmandos. Imprudências. Coisas mal feitas – tudo. Um cordão que a Mãe lhe dera, gastava-se aos bocadinhos, quando não havia dinheiro. Os seus familiares sabiam muito, sim, mas não tudo. Os grandes escondem-se.

E é justamente agora que temos o verdadeiro acontecimento. Por tudo, mas muito principalmente por causa desta santa devoção, é que a diocese do Porto, Bispo à frente, resolveu consagrar à sua memória o número das 28 casas de Miragaia para que de futuro se chamem e sejam efectivamente Bairro D. António Barroso. Honra à diocese. Foi nela que recebeu os golpes do seu fecundo martírio.

A comemoração de Barcelos foi agradável. A do Porto, útil. Juntemos as duas e temos feito uma grande memória a um grande português.

Sobre Américo de Aguiar e D. António Barroso, bem como a possibilidade de ser admitido no Colégio de Cernache do Bonjardim, na sua adolescência, deixamos algumas informações complementares. Assim, Américo Monteiro de Aguiar esteve em Moçambique de 24 de Dezembro de 1906 a 26 de Janeiro de 1923; e, entre várias viagens de merecidas férias a Portugal, de visita à família, um encontro [citado] em Remelhe poderá ter acontecido entre Maio e Novembro de 1912, o que coincide com um desterro de D. António Barroso, entre 9 de Março de 1911 e 3 de Abril de 1914. Chamado a Lisboa por Afonso Costa, do Governo Provisório, D. António Barroso foi destituído das suas funções de governador da diocese do Porto, pois não impediu a leitura, nas Paróquias, da Pastoral Collec-



tiva do Episcopado Português ao Clero e fiéis de Portugal. Neste período, o Cónego Dr. Manuel Luís Coelho da Silva foi Governador do Bispado do Porto durante 10 meses; porém, por decreto governamental, de 28 de Dezembro de 1911, o Deão Coelho da Silva foi proibido de residir no distrito do Porto, durante dois anos.

Com base num *Certificado de Crisma de Américo Monteiro de Aguiar* [passado em 1-X-1926], arquivado na Cúria Diocesana de Coimbra, na sua permanência no Porto, como marçano numa loja de ferragens, desde Outubro de 1902, terá sido crismado pelo Bispo do Porto, na Sé Catedral. Na verdade, em 2 de Agosto de 1899, D. António Barroso entrou solenemente, na Diocese do Porto, no meio de

imensa multidão. Foi sagrado Bispo, na Sé Patriarcal de Lisboa, em 5 de Julho de 1891, pelo santo Cardeal D. José Sebastião Neto – ilustre Prelado que veio a falecer em 7 de Dezembro de 1920, em pobreza franciscana no Convento de *Vilariño de la Ramallosa* [onde Américo de Aguiar foi recebido, em Outubro de 1923].

Ainda com 14 anos, em Agosto de 1902, Ramiro Monteiro de Aguiar, seu pai, em carta ao filho Padre José, missionário em Cochim, escreveu que não achava o Américo *com feitio para padre*, contrapondo assim a sua vontade, atendida pela sua mãe Teresa Ferreira Rodrigues, que tinha escrito para o mesmo filho, em Junho desse ano, dizendo: *peço-te que me dês andamento a este embaraço em que eu me vejo com*

este rapaz, ele tem muita vontade de ser padre, vamos a ver se agora o podemos apañhar. Por essa altura, apesar de tudo, seu pai sugeriu que entrasse no Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim, o que não veio a acontecer. Nos desígnios de Deus, não seria a hora de deixar as redes... José de Aguiar, o seu irmão mais velho, foi para a diocese de Cochim, levado pela mão de D. João Gomes Ferreira [Aguiar de Sousa (Paredes), 9-VI-1851; Pangim, 4-V-1897], que tinha sido aluno em Cernache do Bonjardim e foi sagrado Bispo em 21 de Agosto de 1887. Era amigo de seu pai, Ramiro de Aguiar, e passou pela Casa do Bairro, em Galegos (Penafiel), no Verão de 1891, segundo António Moreira da Rocha.

Em jeito de curiosidade bibliográfica, encontrámos um espécime interessante, em que se interligam várias figuras eclesiais, pois está assinado por D. António, Bispo do Porto, mais precisamente as *Obras Pastorais do Em.mo Cardeal D. Américo Bispo do Porto* [2 vols., Typ. a vapor da Real Officina de S. José, 1901-1902], publicadas depois da sua morte [em 21 de Janeiro de 1899]. O exemplar à mão foi oferta do 2.º prémio em mérito moral conferido a Manuel Fernandes do Santos. Este seminarista, segundo dados do Arquivo da Diocese do Porto, nasceu em Romariz, em 7-III-1887, foi ordenado Presbítero em 1-VIII-1909 e faleceu em 15-XI-1963. Sendo pároco da sua terra, escreveu *Breves Apontamentos sobre Romariz* [Porto, 1940]. Dessa localidade também era natural o sábio Padre Domingos A. Moreira [1933-2011], figura relevante da linguística portuguesa e Pároco de Pigeiros, cujo espólio bibliográfico e documental doou ao município da Feira.

Encontrámo-lo várias vezes na Biblioteca do Seminário Maior do Porto, nas suas aturadas e seguras investigações históricas.

Se os santos se fazem ao colo das mães, conforme é manifestado, D. António Barroso é seguramente um dos grandes da Igreja em Portugal, como

modelo de missionário e Bispo bondoso e firme, Na sua *Pastoral de saudação* [27-VII-1899], escreveu com afecto: *Podeis crer, filhos caríssimos, que o Paço do vosso Bispo há-de ser o refúgio dos vossos males. E, ainda: Dai aos pobres, que Deus vos pagará cento por um; ide ao tugúrio da miséria salvar a pobreza e ao antro do vício remir desgraçados. No seu Testamento, em 1917, deixou assim escrito: nasci pobre, rico não vivi e pobre quero morrer.*

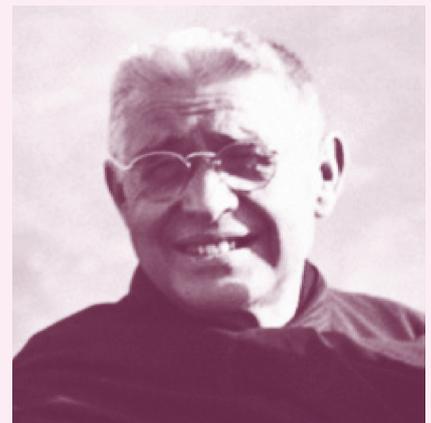
Faleceu com 63 anos, depois de uma corajosa e fecunda acção apostólica, em solos africano [1880-1895],

indiano [1897-1899] e lusitano [1899-1918] – *missionário de três continentes!*

Américo - cujo nome deve ao Cardeal D. Américo, Bispo do Porto [1871-1899], predecessor de D. António Barroso - partiu para o Céu também cedo, só com mais os dedos da mão [68 anos], com a qual escreveu aquele panegírico, e depois de testemunhar a pobreza de Jesus na sua vida heróica, como diz S. Paulo: *Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza* [2 Cor 8, 9].

### VENERÁVEL PADRE AMÉRICO

O dia 12 de Dezembro de 2019 nasceu com a notícia, há muito esperada, da proclamação de Pai Américo Venerável da Igreja Católica. A Promulgação do Decreto da Congregação para as Causas dos Santos, feita no dia anterior, resultou da autorização do Santo



Padre Francisco dada em audiência ao Prefeito da mesma Congregação, Cardeal Angelo Becciu, a promulgar, entre outros, o Decreto relativo a Pai Américo:

**«As virtudes heroicas do Servo de Deus, Américo Monteiro de Aguiar, Sacerdote diocesano; nascido em Salvador de Galegos (Portugal), em 23 outubro 1887 e falecido em 16 julho 1956 no Porto (Portugal)».**

Está assim dado o primeiro passo na direcção do sentir do Povo que já no seu tempo de vida o proclamava santo, ao que Pai Américo ironizava, dizendo: «santo de pau carunchento». A Igreja dá agora este passo abrindo caminho à sua Beatificação que terá de ser confirmada por um milagre atribuído à sua intercessão. Muitos são já aqueles que lhe atribuem graças recebidas e também nós vemos confirmada a sua afirmação: «A minha obra começa quando eu morrer».

# HOMENAGEM À MISSIONAÇÃO PORTUGUESA PROMOVIDA PELA POSTULAÇÃO, NO D

COM A PRESENÇA DE MUITOS AMIGOS E ADMIRADORES DE D. ANTÓNIO BARROSO



E DE MUITOS CONVIDADOS



# A E AO VENERÁVEL D. ANTÓNIO BARROSO, IA MUNDIAL DAS MISSÕES (20-10-2019)

## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA MORTE DE D. ANTÓNIO BARROSO E HOMENAGEM À MEMÓRIA DE 320 HERÓIS DESCONHECIDOS



Fotos de *Alfredo Ramos* – Município da Sertã

## IN MEMORIAM

### FALECEU O PROF. DOUTOR ANTÓNIO DA SILVA COSTA, ACADÉMICO DISTINTO E DEVOTO CONFESSO DE D. ANTÓNIO BARROSO

António da Silva Costa, natural da freguesia de Remelhe/Barcelos, onde nasceu em 14 de Julho de 1937, faleceu na Bélgica, onde residia, na madrugada do passado dia 14 de Abril. Era professor catedrático jubilado da Universidade do Porto, onde leccionou ao longo de décadas na área da Sociologia e Antropologia do Desporto. Foi fundamental a sua acção no crescimento e desenvolvimento da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, tendo sido mesmo o primeiro Professor Catedrático nesta área, e o primeiro Presidente do Conselho Pedagógico.

Estudou e foi professor nos Seminários da Sociedade Missionária da Boa Nova, nomeadamente no Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, onde D. António Barroso se formou. Também era licenciado em Teologia Pastoral pela Universidade Católica de Lovaina (1977), e profundo conhecedor de assuntos religiosos diversos. Acompanhava com muito interesse a Causa da Canonização do Venerável D. António Barroso. Em 28 de Maio de 2005, proferiu no Auditório da Câmara Municipal de Barcelos, uma brilhante conferência sobre «D. António Barroso. O Homem, O Pastor, O Santo», publicada em livro.



Tem dezenas de trabalhos editados em Portugal e no estrangeiro. Estimado e admirado por quantos o conheciam, era, de facto, um homem bom, digno e justo. E um homem de fé profunda. Adeus, António! Que o Senhor da Vida te acolha! Descansa em paz!

**Amadeu Araújo**

## CONTAS EM DIA

### MONUMENTO A D. ANTÓNIO BARROSO E À MISSIONAÇÃO PORTUGUESA

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce, como afirmou Fernando Pessoa, e como pudemos constatar com o monumento inaugurado recentemente em Cernache do Bonjardim. No Boletim n.º 4 (Janeiro/Março de 2012), tendo em mente a celebração do centenário da morte de D. António Barroso que se aproximava, escrevemos: «Não será esta a altura para Cernache do Bonjardim, com o apoio do Seminário das Missões, da Junta da Freguesia e da Câmara da Sertã, inaugurar uma estátua digna de D. António Barroso, em homenagem às centenas de missionários que dali partiram para o mundo?». Este era o sonho. Na caminhada longa que se seguiu, contámos com a ajuda de colaboradores preciosos. A três em particular devemos um testemunho público de gratidão. O primeiro a responder à sugestão foi o **arquitecto barcelense Alberto Craveiro** que se disponibilizou para avançar com o projecto e elaborar o respectivo orçamento, quando ainda não dispúnhamos de um Euro para este efeito. O orçamento apresentado era de cerca de 100.000,00 €. Também tivemos

que reproduzimos neste Boletim. Foi no dia 20 de Outubro de 2019.

E as contas? Graças a ajudas e apoios diversos que solicitámos e em resultado de muita contenção, a obra orçamentada em cerca de 100.000,00€ foi concluída por 83.334,12€. E está paga na totalidade. Por isso, é hora de dizer obrigado aos muitos amigos e admiradores da Actividade Missionária, que estiveram connosco.

Na fase inicial, ouvimos o conselho amigo do Senhor D. Manuel Linda, Bispo do Porto, de D. Francisco Senra, então Bispo Auxiliar de Braga, de D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa, de D. Antonino Dias, Bispo de Portalegre - Castelo Branco, e do Padre Adelino Ascenso, Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova. Obrigado a todos. Para a concretização da obra, contámos com a ajuda generosa da Conferência Episcopal Portuguesa e da Confederação dos Institutos Religiosos de Portugal. Obrigado Senhor D. Manuel Clemente, obrigado Padre Manuel Barbosa, obrigado Padre José Vieira. Recebemos apoios significativos de diversas entidades públicas e privadas, civis e eclesásticas, sobretudo da área do Porto e de Barcelos, e de inúmeros



amigo e confidente que nos aconselhou e acompanhou nas horas boas e nas horas más, porque as houve. Outro esteio fundamental para a construção do sonho foi o **Padre Alvaro dos Anjos**, Ecónomo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, que aceitou a tarefa difícil de receber e agradecer as receitas que entravam, e de liquidar as despesas que íamos contraindo.

Erguido a pulso, o monumento foi inaugurado, com solenidade, com regozijo e com elevada participação de povo, como testemunham as imagens



ros cidadãos, de familiares e de amigos, muitos deles ex-alunos dos Seminários da Sociedade Missionária da Boa Nova. De todos e de tudo guardamos registo. Obrigado ainda ao Reitor do Seminário das Missões, Padre Amadeu Pinto Oliveira, ao Presidente da Câmara da Sertã, Sr. José Farinha Nunes, à Presidente da Junta de Freguesia de Cernache, Sr.ª D. Filomena Bernardo e ao Padre Manuel Castro Afonso, nosso ex-professor, que sempre nos apoiou. Bem hajam!

**Amadeu Gomes de Araújo**  
(Vice-Postulador)



**MORADA DO BOLETIM: RUA DE LUANDA, N.º 480 3.ºESQ. / 2775-369 CARCAVELOS**

**Conta do «Grupo de Amigos de D. António Barroso», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim:**

**NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL**